

Lugares de memória tornada presente

*Não nos queiramos,
porém, eximir
a um profundo
sentimento de perda,
com o argumento falacioso
de que «poderia
ter sido pior».
A recuperação de cada
peça é a confirmação
que um crime cultural
foi cometido
e que muitas outras –
dezenas? centenas?
milhares? – se perderam.*

**João Castel-Branco
Pereira**

*Presidente da Direcção
da Comissão Nacional
do ICOM
e Director do Museu
Gulbenkian*

Lugares de memória tornada presente através de objectos e focos geradores de desenvolvimento social e de afirmação de identidade e diferença, os museus são hoje parte imprescindível do património dos povos, que neles vêm os veículos seguros para conservar testemunhos da sua História, passada e presente.

Mais mediatizados ou quase desconhecidos, os museus instituíram-se como os espaços protectores de património que, muitas vezes, deixou de estar acautelado nos locais para os quais foi concebido e que é motivo de atenção por parte dos especialistas a quem compete conservá-lo, estudá-lo, contextualizá-lo, divulgá-lo.

Temos ainda presentes as imagens de destruição do Museu Nacional do Iraque, em Bagdade, detentor de um património universal enquanto repositório de testemunhos materiais provenientes das primeiras culturas e civilizações que nos falam de raízes e valores onde toda a Humanidade foi alimentar-se, bem como de documentos cujo valor espiritual – simbólico ou religioso – é um lastro na identidade dos povos que o detêm – e tal é válido tanto para os museus, como para sítios arqueológicos e para as bibliotecas e arquivos, também fortemente castigados ou ameaçados pela guerra.

Sabemo-lo hoje, o saque a que o Museu de Bagdade foi sujeito, não atingiu as proporções que as imagens entradas em nossas casas quase em tempo real, através das televisões, fizeram crer.

A UNESCO, entidade que age na defesa e conser-

vação dos bens culturais, logo entendeu propor medidas adequadas para evitar a multiplicação das situações de risco do património do Iraque e de minimização dos impactos do desastre a que se assistia, nomeadamente numa acção concertada para recuperar objectos desaparecidos, não deixando de ouvir o ICOM, Conselho Internacional dos Museus. É contudo evidente que a sua acção positiva só pode ser levada a cabo com maior êxito se contar com a boa colaboração dos poderes políticos.

Chegam-nos notícias, que cremos verídicas, de que parte das colecções do Museu de Bagdade havia sido colocada previamente em lugares resguardados, denotando tal procedimento a consciencialização dos profissionais do próprio Museu sobre a sua missão enquanto guardiães de um património que é sinónimo de identidade, para nós e para os nossos descendentes.

Não nos queiramos, porém, eximir a um profundo sentimento de perda, com o argumento falacioso de que «poderia ter sido pior». A recuperação de cada peça é a confirmação que um crime cultural foi cometido e que muitas outras – dezenas? centenas? milhares? – se perderam, seja por troca por um bocado de pão, seja dentro de esquemas organizados, movimentando muito dinheiro, que aliena consciências.

O manifesto que a 18 de Maio, Dia Internacional dos Museus, foi posto à consideração dos visitantes dos museus portugueses, que o subscreveram em larga escala, e que partiu da iniciativa dos directores dos museus nacionais e dos museus de Arqueologia, bem como dos presidentes da Associação Portuguesa de Museologia e da Comissão Nacional do ICOM (Conselho Internacional dos Museus) declarava: «As guerras são tragédias que ofendem a memória dos que nos precederam, construíram e legaram os bens patrimoniais universais de que, em cada tempo presente, apenas somos usufrutuários, sendo nosso dever passá-los em testemunho às gerações vindouras».

Esta afirmação, que nos traz à memória inúmeros atentados contra o património ao longo da História, e especialmente perto de nós no tempo, à margem de uma nova consciencialização dos valores de respeito por outras culturas e religiões, o saque do Museu do Kuwait ou a destruição dos Budas monumentais no Afeganistão – e que não devem iludir a existência de saques sistematizados noutras regiões do globo, quase desconhecidos porque praticados em âmbitos não mediatizados – deve constituir um tema de reflexão para nós, Portugueses. Vivemos num espaço que profunda e beneficamente foi sensível às culturas emanadas do Mediterrâneo, nomeadamente a islâmica, e também a nossa identidade colectiva se construiu no inter-relacionamento com distantes culturas e povos extra-europeus. Assumindo estas premissas, sejamos solidários na consternação que os factos recentes provocaram nas consciências e acreditemos, porventura utopicamente, que não se repetirão.